

RESUMO

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Morethy Couto

Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

As contradições das vanguardas brasileiras: as ambigüidades do grupo Vanguarda de Campinas

Nos últimos anos, diversos estudos publicados no Brasil buscaram repensar o significado da arte de vanguarda entre nós, analisando de modo mais amplo as ambigüidades de nosso processo de modernização, as hesitações e possíveis “retrocessos” de nossos artistas, bem como as inovações aqui produzidas a partir da assimilação de experiências estrangeiras. Artistas esquecidos pela grande história ou pouco valorizados pela crítica de seu tempo foram resgatados por pesquisadores interessados em revelar pontos significativos de suas trajetórias, em traçar novas correlações teóricas e em rever conceitos já cristalizados. Ademais, várias investigações em curso buscam relativizar a “centralidade do discurso nacional”, reavaliando os paradigmas estabelecidos nos eixos hegemônicos do país sobre a chamada “arte brasileira” ao incorporar questões que dizem respeito a problemáticas locais/regionais, que não ambicionam representar uma idéia de Brasil.

Minha comunicação tem por objetivo refletir sobre as contradições que marcaram a difusão do ideário vanguardista no Brasil, em especial aquele relacionado à recepção da arte abstrata de viés construtivo. Pretendo discorrer sobre questões que marcaram o debate cultural do anos 1950/1960 a partir da discussão de um exemplo concreto: o de um grupo de pintores atuantes em Campinas no final dos anos 1950 que se autodenominou Grupo Vanguarda e lançou um manifesto, em 1958, inspirado naquele assinado pelos integrantes do grupo concretista Ruptura em 1952, sem que isso representasse de fato uma adesão aos princípios que regiam o movimento paulista. Para certos integrantes do Vanguarda, como Tomaz Perina, os artistas campineiros, diferentemente dos paulistas, não tinham uma tendência para defender, cada um possuía uma produção individual e distinta. Enquanto alguns, como Raul Porto, demonstravam forte apreço pelos ideais concretistas, outros, como o próprio Perina e Mário Bueno, enveredaram por uma abstração mais lírica, sensível. Todavia, é possível afirmar que houve um produtivo entrosamento entre os dois grupos, pois sabemos ao certo que o grupo concreto paulista manifestou apoio recorrente aos artistas de Campinas, buscando promover sua inserção no cenário paulistano e contribuindo para a difusão de seu trabalho.

A partir da análise de algumas obras e de textos críticos, publicados tanto no período quanto posteriormente, pretendo evidenciar as tensões e contradições que, a meu ver, marcaram a ação do grupo Vanguarda.